

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Para assegurar a vitória das aspirações populares é indispensável que a classe operária continue na vanguarda da luta.

Desde as greves intermitentes, paralizações de 15 minutos, meia hora, uma hora, um dia ou mais, até a simples aprovação de moções de protesto contra as ilegalidades cometidas pelo governo, a tudo devem recorrer os trabalhadores, aliados a toda a população para fazer triunfar a legalidade e respeitar a vontade do povo.

As greves e as paralizações de trabalho deverão ser acompanhadas de explicação aos patrões de que não são contra eles, mas sim de protesto contra a falsificação das eleições, pela libertação dos presos, pela demissão de Salazar e Santos Costa, pela realização de novas eleições.

Lo manifesto da Comissão Política do C. C. do Partido Comunista Português de 18 de Junho de 1958

GES
PCP

GREVES E DEMONSTRAÇÕES POLÍTICAS

MILHARES DE OPERÁRIOS E CAMPONESES RECLAMAM A ANULAÇÃO DAS ELEIÇÕES E A IMEDIATA LIBERTAÇÃO DE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS!

A CLASSE OPERÁRIA APONTA À NAÇÃO O CAMINHO DA LUTA

A indignação profunda que a burla eleitoral causou em todo o país não podia deixar de tomar formas concretas de acção.

A classe operária, vanguarda do nosso povo, ultrapassando o ambiente de repressão e terror com que o salazarismo queria abafar os protestos, lançou-se valorosamente em acções de massas, concentrações, greves, manifestações.

Em zonas fundamentais do nosso país, os trabalhadores portugueses recorreram a uma forma superior de luta — a greve — para a conquista de objectivos políticos.

O significado destas lutas, realizadas num país fascista e num período de intensa repressão, é demasiado evidente. Em Portugal o governo deixou de mandar como até aqui, isto é, com tudo apearado, tudo abafado pelo terror.

Alguma coisa se rompeu. Os jornais, como «O Século» e «Diário de Lisboa» e até «A Voz» lembram a necessidade de concórdia, chamam a atenção do governo para o valor da oposição. As lutas que a classe operária está travando são a actual maior contribuição para essa mudança.

Num repente, portanto o país correu célebre uma notícia que o salazarismo queria calar à viva força — OS TRABALHADORES FORAM PARA A GREVE COMO PROTESTO CONTRA A BURLA ELEITORAL. E as perspectivas necessárias para que o nosso povo intensifique a sua acção abriram-se.

No dia 12 de Junho mais de mil operários em greve

No concelho de ALMADA, em 13 fábricas de cortiça, entre as quais «Aprígio», «Barral», «Valido», «Americano», «Jacinto», bem como na Mecânica Piedense, 3 serrações e na construção civil, os operários puseram-se em greve, explicando aos patrões os seus objectivos: protesto contra a burla eleitoral e a repressão. Dentro dum carácter pacífico e ordeiro, os operários escreveram à GNR afirmando a sua disposição de irem para a greve e apelando para que os homens da GNR não se esquecessem que são filhos também do mesmo povo.

A PIDE procurou intimidar e mandou selar as fábricas mas a unidade dos trabalhadores, com o apoio dos comerciantes e outros sectores da população, fez recuar a repressão. Na 2.ª feira, dia 16, as fábricas foram abertas de novo.

Um agente da PIDE que, na Cova da Piedade, provocara duas crianças foi increpado por um jovem, a quem ameaçou com a pistola. O jovem tirou-lha e, sacando fora o carregador, entregou-lha de novo. O PIDE fez porém ainda fogo com uma bala que estava na câmara atingindo o jovem num braço. As pessoas que se tinham aproximado, ao ver isso, caíram sobre o agente e sovaram-no valentemente.

No Arsenal do Alfeite, Companhia Portuguesa de Pesca e Grémio dos Armadores do Bacalhau, houve tam-

bém muitos operários que não foram ao trabalho. Na Parry & Son os operários só pegaram no trabalho meia hora depois da entrada.

No dia 16 de Junho 10 mil trabalhadores em greve

Os pescadores de MATOSINHOS, cerca de 5.000, decidiram ir para a greve enquanto o gásol não fosse vendido às traineiras a 1\$20 (como sucede com os arrastões) e não a 2\$20. Ao mesmo tempo, numa ampla reunião, foi levantada a necessidade de novas eleições, da libertação dos presos políticos e da demissão do governo.

Apesar dos oficiais da Polícia Marítima habilidosamente terem pretendido dividir, os pescadores, todos unidos e conscientes dos seus direitos e da sua força, não se deixaram ludibriar.

No final da reunião, um grupo de pescadores que já não tinha comboio para ir para a Póvoa, forçou o chefe da Estação da Sr.ª da Hora a formar um para os transportar.

Os 200 conserveiros da Fábrica «Unitas» (perto de Matosinhos) lançaram-se também em greve e, dirigindo-se às fábricas «Gargalo», «Bordalo» e «Garantia», convidaram e trouxeram para a greve os operários com os quais fizeram uma manifestação que se dirigiu para Matosinhos.

Nessa manifestação, que atraiu já muita outra gente do povo, as mulheres, que eram a maioria, tiveram papel fundamental. Duas jovens operárias levantavam bem alto um grande cartaz que dizia: «Os operários queremos mais salário! Amnistia para os presos políticos! Abolição da Censura! Liberdades Sindicais! Eleições Livres! Viva Humberto Delgado!». Só a acção de força, poderosamente armada, da GNR, chamada por um patrão da fábrica «Boa Nova», impediu que a manifestação dos conserveiros seguisse o seu caminho a chamar à acção mais companheiros de trabalho, todo o povo de Matosinhos.

Em ALVERCA, nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (perto de 2.000 operários) os trabalhadores decidiram não pegar ao trabalho e concentraram-se na parada cantando o hino nacional. Ao director foi explicado que queriam desse modo protestar contra a burla eleitoral e a repressão, protesto que se prolongou durante 3 horas.

Na firma «Vaz Guedes» (mais de 600 operários) os trabalhadores concentraram-se à entrada e, explicando aos patrões as suas razões, saíram para a rua cantando bem alto a «Portuguesa».

Igualmente se puseram em greve os operários das firmas «Redol» e «Lusanglo» e da construção civil e os operários agrícolas da região próxima, como em Arcena, etc. Quando um grupo da PIDE foi a esta última terra para prender um operário do Parque Aeronáutico, a população cercou os Pides e só não lhes deu uma sova porque eles tiveram tem-

po de se escapar.

Em algumas empresas de Lisboa e arredores as forças repressivas, ocupando-as, impediram que os trabalhadores fossem para a greve. Os operários (mais de 500) da CIP (Póvoa) deram porém um belo exemplo pois embora com a fábrica ocupada, paralizaram o trabalho e afirmaram categoricamente aos agentes da PIDE e à GNR que estavam em greve como protesto contra a burla eleitoral.

Na SIAM (Alhandra) também os operários (Cerca de 400) entraram em greve na parte da tarde, bem como os operários da construção civil

de Vila Franca de Xira.

Estas duas importantes jornadas de protesto, de 12 e 16 de Junho, são ricas de experiências.

Mostraram a força da unidade da classe operária, mostraram a possibilidade de acções concretas de protesto, desde as concentrações, as paralizações de pouco tempo ou de dias, às manifestações de rua, mostraram o apoio amplo e firme de elementos de todas as camadas sociais, mostraram o caminho a seguir.

Estas duas jornadas são os primeiros passos numa nova estrada mais larga que englobará todo o nosso povo.

O CAMINHO A SEGUIR

No dia 8 de Junho a nação votou contra Salazar. Não obstante isso Salazar, Santos Costa e a sua reduzida camarilha, representantes da mais negra reacção, pretendem governar o país contra a vontade da maioria esmagadora dos portugueses.

Contra esta política levantam-se os portugueses de todas as condições sociais desde a classe operária à burguesia nacional. Mesmo pessoas que têm estado com o regime, e até elementos do próprio governo, discordam desta política terrorista que Salazar e Santos Costa, querem impôr ao país.

A vontade nacional é clara: O POVO QUER A ANULAÇÃO DO ACTO ELEITORAL DO DIA 8 DE JUNHO E A REALIZAÇÃO DE NOVAS ELEIÇÕES; QUER VER LIBERTADOS OS SEUS FILHOS QUE ENCHEM AS PRISÕES SALAZARISTAS; QUER A DEMISSÃO DE SALAZAR E SANTOS COSTA DO GOVERNO. Nada o fará recuar até que vigore em Portugal um regime de Liberdade e de concórdia nacional que abra ao país, a via do progresso e da democracia.

O povo quer uma política de pacificação nacional e sente que a violência e a arbitrariedade desencadeadas pelo governo comprometem a possibilidade de solucionar a questão do regime e com ela os graves problemas criados ao país pela política de Salazar.

O que caracteriza a presente situação nacional é que o povo português se recusa a aceitar a maior burla eleitoral do salazarismo, se recusa a deixar as coisas como dantes e se lança com vigor e coragem em novas lutas.

As greves, demonstrações e protestos que se desencadearam em vários pontos do país depois de 8 de Junho, são o começo de novas lutas e mais poderosas acções que abarcarão todo o povo na luta pela libertação da Pátria, pela Democracia e pela Paz.

Pondo-se aberta e decididamente na vanguarda da luta a valente classe operária portuguesa abriu novas perspectivas ao movimento nacional de libertação e deu novos alentos a todos os portugueses e patriotas para o prosseguimento da luta.

A classe operária fez o que só ela e o seu partido — o Partido Comunista — poderiam fazer. As gre-

ves, paralizações, demonstrações e protestos que se estão a desenvolver por todo o país têm um carácter acentuadamente pacífico e patriótico que se integram no sentimento mais profundo da nação.

Como classe consequentemente revolucionária a classe operária deu provas de uma elevada consciência política e uma grande combatividade, o que é uma garantia de que a luta prosseguirá incansavelmente até à vitória.

Quando milhares de operários industriais e agrícolas paralizam o trabalho e com o canto da «Portuguesa» nos lábios se lançam para a rua sob as consignas de «Liberdade! Eleições Livres! Amnistia! Demissão de Salazar e Santos Costa!» toda a nação sente que estas são as suas próprias consignas e se galvaniza para novas e mais e poderosas acções.

Como resultado desta justa orientação muitos sectores do patronato não hostilizam as greves e são já numerosos os exemplos de patrões que animam os operários a prosseguir na luta.

Como se diz no manifesto da Comissão Política de 18 de Junho: «Tanto os trabalhadores como os patrões estão interessados nesta luta, numa mudança de governo e de regime, e até porque será uma tal solução que permitirá uma elevação rápida do nível de vida das massas trabalhadoras e de todo o povo. Só meia dúzia de monopolistas que dominam o país não estão interessados numa mudança de governo e de regime.»

As lutas que se estão desenvolvendo por todo o país, a ampla unidade dos anti-salazaristas de todos os sectores sociais, o ambiente que existe actualmente em toda a nação, permitem caminharmos para uma grande e pacífica jornada nacional de luta, na qual participem todas as correntes de opinião, todas as camadas da população.

O governo de Salazar está isolado e desmascarado perante a nação. Nem as loas da reacção internacional à «sabedoria do chefe» e às «belezas» do regime, nem a raivosa campanha anti-comunista lançada pelo governo através da imprensa

(continua na 2.ª pag.)

CENTENAS E CENTENAS DE MILHAR DE PORTUGUESES

Participaram em manifestações e reuniões da Oposição durante a campanha eleitoral



Foi numa onda de intenso entusiasmo que se realizou por todo o país a campanha eleitoral da oposição. Em numerosas sessões e manifestações, o povo aclamou os candidatos antifascistas, reclamou liberdade, amnistia e a abolição da censura e revogou-se em massa contra a repressão e os enlraives que o governo opôs à propagação da oposição.

Além das grandiosas manifestações do PORTO, em 14-5 e da LISBOA em 16-5, nas quais participaram cerca de meio milhão de pessoas, do Norte ao sul do País, nas cidades, vilas e aldeias, o povo levantou-se galvanizado pelos mesmos objectivos de luta.

Em BRAGA, quando do 28 de Maio, o povo recebeu os legionários e os fascistas que ali foram com uma manifestação de silêncio e hostilidade. As ruas e os cafés estavam desertos, as janelas cerradas e parte do comércio não abriu. Depois, no dia 1 de Junho, quando era esperado o general Humberto Delgado, 40.000 pessoas concentraram-se para saudá-lo e quando souberam que a sua visita fora proibida manifestaram-se nas ruas dando vivas à liberdade e ao general. Manifestações igualmente grandiosas tiveram lugar em FAMILICÃO, onde a população chegou a invadir a Câmara Municipal, SANTO TIROSO, AVINTES, etc.

Em BEJA, os dois candidatos da oposição foram aclamados entusiasticamente pelo povo aos gritos de Justiça Justiça em manifestações que por duas vezes atingiram 30.000 pessoas. Realizou-se também, nesta cidade uma sessão da candidatura do Dr. Arlindo Vicente que reuniu mais de 6.000 cidadãos.

Em VISEU, 10.000 pessoas saudaram o general H. Delgado, em COIMBRA, 20.000, em AVEIRO, 25.000, mais de 10.000 em GUIMARÃES, em CASTELO BRANCO, 5.000 pessoas. Nesta cidade mais de 600 soldados concentraram-se na parada do quartel aos gritos de «queremos Humberto Delgado» e vieram para a estrada aclamá-lo juntamente com o povo. Também na COVILHÃ o general Delgado foi viloriado por 5.000 cidadãos. Todo o povo de TORTOZENDO, 3.000 habitantes, veio para a rua manifestar o seu apoio ao candidato a das janelas foram lançadas flores.

No BARREIRO, concentraram-se mais de 25.000 pessoas para saudar o Dr. Arlindo Vicente e outros lentos para aclamar o general Delgado, embora ambos os can-

didatos tenham sido impedidos de visitar esta vila. Em ALJUSTREL, cerca de 4.000 pessoas aclamaram o Dr. Arlindo Vicente e o povo levou-o aos ombros durante mais de 2 quilómetros.

Ao correr a notícia que o general H. Delgado passaria pela COVA DA PIEDADE concentraram-se para aclamá-lo 3.000 pessoas e o mesmo sucedeu no SEIXAL e SETUBAL onde se juntaram 3.000 e 3.500 pessoas. Em MENTOIA o general Humberto Delgado foi viloriado por 2.000. Por todo o ALGARVE muitas dezenas de milhares de pessoas se juntaram para aclamar os candidatos da oposição, outro tanto sucedendo em TRAS-OS-MONTES. Em várias regiões, o povo, revoltado com as arbitrariedades e crimes cometidos pelos governantes, promoveu também grandes contra manifestações quando da realização das sessões fascistas.

Assim sucedeu no PORTO, quando da sessão do Am. Tomaz, para a qual a União Nacional andou a recrutar gente em todo o país, a quem dava entre 20 e 60\$00 com tudo pago, para a «grande marcha sobre o Porto», que pretendia organizar. Ao saber isto o povo juntou-se aos arredores do Por.o, e apedrejou e veio o pessoal arrebanhado pelos salazaristas que vinha em camionetes. No Pedrão da Lágua juntaram-se mais de 800 pessoas dando vivas à Liberdade e ao gn. Delgado, numa manifestação que durou até às 3 da madrugada. Os soldados que foram chamados para esta localidade para conter o povo acabaram por confraternizar com ele e também davam vivas ao Gn. Delgado. Outro tanto sucedeu em Leça do Balio, no Aregal, em Ermesinde, etc. Na própria Praça da Liberdade os «manifestantes» salazaristas que chegavam em camionetes eram vitorizados pelos manifestantes que os povo fotografava do candidato da Oposição. Os pescadores de Matosinhos que os fascistas queriam mobilizar para uma concentração no Douro, recusaram-se dizendo: «para esses todos não há sardinha». E a grande concentração ficou reduzida a um arrostão e duas traineiras. Também a grande recepção ao candidato de Salazar não se fez pois os fascistas, aterrorizados com a contra-manifestação do povo do Porto, fizeram-no descer em Espinho e enlrair incógnito na cidade.

Na própria sessão, quando a câmara fascista começou a gritar Salazar! os gritos de Humberto! Humberto! dominaram o ambiente. A situação tornou-se tão tão febril e escandalosa que os salazaristas tiveram de pôr a gritar junto dos microfones, no palco,

50 estudantes que tinham arrebanhado em Coimbra.

Também em VALBOM, numa sessão salazarista, os discursos dos fascistas responderam o povo de dentro e de fora da sala «Humberto! Humberto!».

Em CHAVES quando o ministro do Interior visitou a cidade o povo manifestou-se contra ele e o que o levou a chorar rivamente e em GUIMARÃES o ministro dos N. Estrangeiros foi pupado.

Foi desta forma que os portugueses manifestaram as suas aspirações de liberdade e um governo democrático. Foi este o verdadeiro plébiscito nacional e o seu resultado é esmagadoramente favorável às forças anti-salazaristas. Os números que os fascistas forjaram, como resultado das eleições, não podem apagar esta verdade nem esmorecer o ânimo do povo, forjado no decorrer da campanha eleitoral da oposição.

Outras notícias

— Na fábrica «Valfer» de VILA DO CONDE constou que o Presidente da República linha demitido Salazar. Todos os 800 operários da fábrica, em sinal de regozijo, paralisaram o trabalho.

— No PORTO, grande parte da população deixou de comprar os jornais que se opõem contra a censura, embora muitas pessoas dêem \$20 a mês mesmo \$100 aos ordines, todos os dias.

— Tei acção, que se está atendendo ao MINHO e também a COIMBRA e AVEIRO, está-se fazendo sentir profundamente nos jornais do Norte, cujos directores já não em se dirigem ao Governo.

— Em COIMBRA o proprietário da fábrica de malhas «Milena» forçou os seus operários a irem manifestar-se pelo candidato fascista, dizendo-lhes que escarressem para o carro do General Delgado. Esta posição espalhou-se por toda a cidade, tendo os comerciantes deixado de lhe comprar e recusando mesmo receber encomendas já feitas. A mesma atitude estão tomando comerciantes de outras localidades e até as mulheres que vão comprar malhas dizem: «Se é da «Milena» não quero».

— Agora o proprietário da «Milena» parece que já põe as mãos no cabeça.

DESMASCAREMOS A REPRESSÃO E LUTEMOS CONTRA ELA

Ao contrário das mentirosas afirmações dos governantes, o País foi submetido, no decurso e depois da campanha eleitoral, a uma onda de terror, duma violência que ultrapassa o que tem sido tradicional na sinistra dominação salazarista. O povo que se manifestava pacificamente nas ruas foi metralhado sem mercê, muitos dmilhões foram violados pelos esbirros da PIDE e centenas de cidadãos foram lançados na prisão e submetidos a torturas e espancamentos que algumas vezes levaram à morte dos detidos. No Porto um jovem de 15 anos foi assassinado a tiro, outro de 17 foi alvejado com tiros no peito e na cabeça ficando em estado grave, o porteiro da sede do movimento de candidatura do General H. Delgado, que havia sido preso pela PIDE apareceu «trucidado» por um comboio na Trofa. As prisões aborrolam de patriotas que suportem um regime prisional bárbaro. Em Caxias servem aos presos uma comida péssimo cozida em lixeiras e sem colheres e como colchão uma pouca de palha. Sem nenhum respeito pela sua condição, os presos políticos são metidos no Reduto Sul juntamente com os presos comuns. Na cadeia do Aljube, 20 presos políticos sofreram intoxicação por lhes terem dado peixe esfaregado. Os espancamentos policiais sucedem-se: um jovem de Marinha Grande foi despido e espancado e

«cesse-lête» até ao desmaio. Ao despertar encontrou-se coberto de dejectos! Muitos outros presos têm sido brutalmente espancados.

Dois eleitores de Alverca que foram buscar listas do General H. Delgado à sede da sua candidatura foram presos e até hoje nada se sabe deles. A cegueira repressiva é tal que um grupo de alunos topógrafos que preparavam os seus pontos de exame nas imediações de Caxias, foram presos e espancados na polícia.

Toda esta fúria dos fascistas requer uma acção energética do povo português para que os presos políticos sejam imediatamente libertados e para que novos crimes não sejam cometidos contra as pessoas dos cidadãos. Impõe-se levantar a resistência popular contra a repressão, como fizeram os camponeses de Arcaea que impediram a prisão dum conterrâneo, e do povo de Lisboa e Porto que várias vezes arrancou os presos das garras da polícia durante as manifestações.

Ao mesmo tempo é necessário intensificar a luta pela amnistia, lutar contra os maus tratos nas prisões e contra os espancamentos e crimes da PIDE. A luta contra a repressão merece o apoio de todos os portugueses indignados com o delírio repressivo da camarilha de Salazar e Santos Costa.

Com este número do «A Vante» sei uma separata do rubrica no total de 44.856\$80.

AS FORÇAS ARMADAS NÃO ESTÃO COM SALAZAR

Quando dos cumprimentos a Salazar, no dia 27 de Abril, foi dada indicação aos oficiais das Forças Armadas da região de Lisboa, para neles participarem. Muitos deles, de várias unidades, apresentaram-se na Assembleia Nacional com guias de marcha. Porquê?

Eis o que se passou, por exemplo, na Escola de Mecânicos da Armada em Vila Franca de Xira.

20 dos oficiais da Escola dirigiram-se ao comandante a perguntar se aida aos cumprimentos era considerado «serviço». Como a resposta fôsse afirmativa todos eles pediram guias de marcha e ordem por escrito. O comandante telefonou então para um seu superior e, depois de longa conversa, avisou os oficiais de que poderiam ir só se voluntários. Dos 60 oficiais só 1 se ofereceu.

Nova conversa do comandante com o superior e desta vez foram nomeados por escala 8 oficiais que, com as respectivas guias de marcha, foram assim cumprir o serviço de cumprimentar o «salvador» do país.

Passado algum tempo levantam os fascistas a campanha de «desagravo» a Salazar. Em várias repartições e unidades militares, a resposta ao convite para os oficiais se unirem a essa campanha, foi uma negativa geral.

Num apelo dirigido aos «Chefes das Forças Armadas» e assinado por «Um grupo de Oficiais do Exército, da Armada e da Força Aérea», datado de Maio, afirma-se que o Apelo tem apenas dois fins:

1.º: evitar que aumente a onda de ódio e de indignação provocada no povo por determinadas medidas de repressão, precipitadas e excessivamente inúteis.

2.º: evitar que as Forças Armadas deixem de ser respeitadas e amadas como um dos símbolos da unidade nacional.

Depois diz-se: «que não se deve confundir defesa dum dado regime com defesa da Ordem Pública» e «que a cada dia dar a um subalterno a ordem verbal de «olhar a mal»».

na Marinha, nas Forças Aéreas, na PSP, GNR, etc..

O 2.º ano do curso de Aeronáutica da Escola do Exército enviou um telegrama de apoio ao Gen. Delgado.

Em Castelo Branco, Setubal, Porto, Sintra, etc., os soldados fizeram manifestações nos quartéis, incorporaram-se nas manifestações de rua ou tiveram papel importante na propagação eleitoral da oposição.

Tudo este ambiente explica que a burla eleitoral do dia 8 causou-lhe também profundo descontentamento e revolta nas Forças Armadas que mostram cada vez mais claramente que não estão com Salazar.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

OS PESCADORES DE MATOSINHOS VENCEM A REPRESSÃO A GREVE CONTINUA

No dia 17, a PIDE e os fascistas tentaram uma manobra para forçar os pescadores a partir para o mar. Tratava-se de cercá-los entre as traineiras e cordões de PSP e da PIDE; porém, os pescadores romperam os cordões da polícia e abandonaram os cais.

Perante este fracasso, a PIDE, em duas camionetas, começou a percorrer as tabernas e a prender dezenas de pescadores. Esta acção policial provocou grande indignação entre o povo. Centenas de pessoas começaram a protestar aos gritos e tentaram libertar os presos. Depois, a multidão dirigiu-se à Capitania e logo a seguir um numeroso grupo de pescadores e famílias foi à sede da PIDE no Porto para exigir a libertação dos presos, tendo mesmo alguns pescadores começado a trepar pelos portões que tinham sido fechados.

Em face disto, a PIDE apressou-se a soltar os pescadores pagando-lhes, inclusivamente, o bilhete de eléctrico para Matosinhos.

Os armadores já se mostram dispostos a satisfazer parte das reivindicações dos pescadores, mas estes dizem que é preciso «pôr o preto no branco» e querem a sua satisfa-

ção total.

No dia 18, milhares de pescadores concentraram-se na Casa dos Pescadores e uma numerosa comissão avistou-se com os armadores e autoridades. Como estas não satisfizeram as suas reclamações, os pescadores bradavam «vamos para casa» e milhares deles dispersaram para vários locais.

No dia 19, os pescadores não permitiram que uma traineira com pessoal de fora descarregasse o peixe; assaltaram uma camioneta carregada de peixe, deitaram-no fora e espesinharam-no; foram a uma fábrica de conservas que tinha comprado peixe de fora para impedir a descarga. Muitos pescadores embarcaram em 4 traineiras, armados com pedras, para fazer regressar a terra uma traineira que havia salido para o mar com alguns pescadores forçados pela PIDE.

Sobre um agente da PIDE que se virou à coronhada para um pescador, no decorrer duma manifestação, em Leixões, os pescadores lançaram uma saraiada de pedras.

Destafirma unidos e vigilantes os pescadores defendem a sua greve... e as fábricas de conserva, sem pei-

xe, estão paralizadas.

Ao mesmo tempo registam-se significativos exemplos de solidariedade. Assim, os operários duma empresa do Porto enviaram aos grevistas 1.300\$000 de géneros alimentícios e propõem-se dar-lhes um dia de trabalho. Uma padaria já forneceu uma fornada de pão. Uma camioneta e um automóvel andaram a distribuir géneros pelos pescadores.

O caminho a seguir

(continuação da 1.ª pág.)

e da rádio — com a colaboração da abjecta ANI — consegue esconder as debilidades e contradições do regime que estão á vista como chagas purulentas num organismo podre.

Bastará que todos os anti-salazaristas, civis e militares, saibam afastar os factores de divisão e aglutinar as suas forças à volta dos seus interesses comuns, que apelam à unidade, bastará que enveredem corajosamente pelo caminho apontado pela classe operária, para que o odiado regime de Salazar desabe como um frágil castelo de cartas.